

Os Sermões alemães

De: Mestre Eckhart

Petrópolis: Vozes, 2006. 2v. (Sermões 1-105)

RESENHA | Enio Paulo GIACHINI¹

Quando o fogo quer tomar a madeira e ser por sua vez tomado pela madeira, encontra primeiro a madeira como o que não lhe [ao fogo] é igual. Por isso, é preciso tempo. O fogo começa por aquecer e fazer arder <a madeira>, fazendo-a depois fumegar e estalar, porque esta lhe <a madeira ao fogo> é desigual; e então, quanto mais quente se tornar a madeira, tanto mais silenciosa e calma ela se torna, e quanto mais se tornar igual ao fogo, tanto mais se torna pacífica, até tornar-se toda e inteira fogo. Se o fogo deve assumir em si a madeira, então toda desigualdade deve ser expulsa (Sermão 11).

Mestre Eckhart (1260-1328) foi um frade dominicano, pensador e místico medieval de tal quilate que se tornou um clássico do pensamento. Suas atividades como frade dominicano foram o ensino na Universidade, a pregação para religiosos, religiosas e o povo em geral e o governo da ordem. Dentro desse lastro de atividades levou à perfeição sua atividade de pensar. O pensamento conduziu o Mestre Eckhart naturalmente para perto da Deidade, e afinou sua atuação com os grandes mestres do passado. Na experiência de Deus, Eckhart é chamado de *Lesemeister* (*Lehrmeister*) e *Lebemeister*, isto é, mestre de ensino e mestre de vida. Ensinava o que experimentava e experimentava o que ensinava.

Deixou uma série de escritos em latim, a língua oficial do ensino e aprendizagem na Idade Média, e no vernáculo, o Alemão medieval (*Mittelhochdeutsch*). Seus escritos mais conhecidos e estudados são esses últimos textos escritos em alemão, por causa da vivacidade com que trazem para junto da experiência de vida o pensamento e a intelectualidade filosófica e teológica. Trata-se, portanto, dos “*Sermões*” e dos “*Tratados alemães*”: Livro da divina consolação; sobre o homem nobre; conversações a respeito do discernimento; sobre o desprendimento.

Com um extenuante trabalho de edição crítica, iniciado por Josef Quint em 1936, apoiado pela Deutsche Forschungsgemeinschaft, e retomado por Georg Steer em 1983 após o

¹ Centro Universitário Franciscano do Paraná, Faculdade de Filosofia. BR 277, Km 112, Remanso, 83607-000, Campo Largo, PR, Brasil. E-mail: <enio.giachini@bomjesus.br>.

falecimento de Quint (1986), temos hoje a edição crítica de 105 sermões alemães. Trata-se dos escritos mais conhecidos, mais difundidos e traduzidos mundo afora.

São esses sermões que foram traduzidos no Brasil pela Edusf e pela Editora Vozes, em 2 volumes e aqui em apreciação, tendo sido publicados respectivamente em 2006 e 2008. Até então, no Brasil, tinham sido publicados apenas os tratados alemães de Eckhart supramencionados, acompanhados de alguns sermões no mesmo volume, publicação feita pela Editora Vozes, em 1983, sob o título de *Mestre Eckhart: a mística do ser e não ter*, sob coordenação de Leonardo Boff; em de 1991, foi realizada uma segunda edição ampliada e incorporada à Coleção Pensamento Humano, sob o título *O livro da divina consolação e outros textos seletos*, onde os sermões alemães de número 52 e 44 foram acrescentados. Em 2004, com tradução de Alfred J. Keller e introdução de Gwendoline Jarczyk e Pierre-Jean Labarrière, a Martins Fontes publicou, de Mestre Eckhart, uma seleta intitulada *Sobre o desprendimento e outros textos* (sermões alemães de número 52 e 71).

A tradução dos sermões foi feita por Enio Paulo Giachini, com uma prestimosa e apurada revisão de Márcia Cavalcante Schuback, no primeiro volume, e de Hermógenes Harada, no segundo. O primeiro deles conta com uma breve apresentação feita por Emmanuel C. Leão e uma introdução do tradutor. A tradução foi feita a partir da versão alemã "*Die Deutschen Werke*". Stuttgart: Kohlhammer, 1958, 1968, confrontando-a, sempre que possível e necessário, com o texto da versão em alemão medieval (*Mittelhochdeutsch*).

Importante destacar a consulta da versão francesa dos sermões para a tradução (*L'étincelle de l'âme*, de 1998, e *Dieu au-delà de dieu*, de 1999), realizada e apresentada por Gwendoline Jarczyk et Pierre-Jean Labarrière, Paris: Albin Michel. Essa versão apresenta o mesmo rigor e fidelidade ao texto alemão que procurou manter a tradução portuguesa.

Toda e qualquer tradução obedece a uma intencionalidade fundante. Com essa não é diferente. A fim de que não se caracterize como parcialidade que compromete o caráter ilibado de uma versão autêntica, é importante notar alguns pontos nesse trabalho. A tradução busca, acima de tudo, a transparência do texto e sua coerência de conjunto. Pequenas dúvidas de tradução e interpretação são dirimidas levando-se em conta o todo e o sentido maior dos textos. Vê-se que nos escritos nem sempre foi possível conciliar precisão e simplicidade, bem como o modo abrupto e direto de expor verdades "inefáveis" com a melhor semântica portuguesa. Observa-se, então, a prevalência do sentido do texto, mantendo muitas vezes a dureza expressiva e incisiva do dito.

Isso significa que quando Eckhart trazia para dentro de seus sermões frases, palavras ou a decidibilidade de toda uma busca teológica, metafísica e/ou mística, concentrando a imensidão desse(s) universos(s) no limite de palavra e frase, muitas vezes, sabia estar se reportando a ouvidos bem pouco calejados com a formalidade dessas questões; mesmo assim Mestre Eckhart não facilitava tanto a tarefa de quem estava na escuta. Essa tarefa de superação incisiva e de compreensão do extraordinário no ordinário é cada vez minha e inalienável, e percebe-se que foi respeitado pela tradução, de modo que a mesma não dificultou nem facilitou a tarefa. Limitou-se, sim, a expor a questão proposta pelo autor o mais claramente possível.

O que se pode observar e constatar é que, muitas vezes, a tradução não pode evitar certa literalidade dura e provocativa para o vernáculo. No entanto, a fluência morna da leitura nem sempre leva para onde o sermão queria nos convocar. A própria linguagem de Eckhart tem um caráter provocador. Questionado sobre ensinar coisas muito elevadas ao povo simples, ele respondeu que se não se ensinam coisas novas e elevadas aos que não o sabem, esses jamais poderão apreendê-las. Mesmo com essa dificuldade o texto apresenta uma forma fluente e acessível.

Ao longo de todos os sermões encontram-se notas de referências, as quais remetem a

pensadores clássicos da Antiguidade e da Idade média, que nos dão uma ideia do universo de pesquisa e leitura de Eckhart, quais são suas fontes antigas favoritas. Em primeiro lugar a Sagrada Escritura, depois, Agostinho, Platão, Aristóteles, Avicena, Maimônides, Averroes e sem muitas referências diretas, pode-se ler no texto eckhartiano uma proximidade e confronto com Tomás de Aquino, contemporâneo e confrade de ordem.

O texto não é sobrecarregado de notas de rodapé como o original alemão da edição crítica, de modo que se pode ter uma leitura fluente. Todavia, quem quiser aprofundar temas presentes nos sermões poderá encontrar ali referências de outros pensadores para posterior aprofundamento. No sentido de melhorar o acesso ao escrito, encontram-se, oportunamente, notas explicativas de certas passagens, palavras ou de contextualização. No final dos dois volumes, como anexo, existe um glossário comentado de conceitos fundamentais dos sermões de Eckhart. É uma contribuição prestimosa de Hermógenes Harada, com toda sua experiência no estudo da medievalidade, a qual traz conceitos-chave de todo o ordo do pensamento medieval. Propõe um encaminhamento aproximativo à paisagem árida-viva dos sermões. Fica claro, no entanto, que se trata de um modo de acesso e não o único. O texto da tradução, porém, fica de pé por suas próprias forças.

Uma palavra sobre a gravidade do pensamento de Eckhart. Para quem uma vez teve contato vivo com seus sermões, dispensa-se essa indicação. O que se encontra ali não está fora e em nada destoa da abordagem filosófica, teológica, ética, entre outras, das disciplinas humanas que compõe o universo medieval e o ordo de pensamento universal, apesar de algumas poucas passagens e expressões controversas e provocativas, que renderam inclusive condenação ao mestre por parte do governo da Igreja Católica.

Totalmente enraizado na grande tradição cristã, solidificando e dando visibilidade à comunhão dos santos – o duto subterrâneo que perpassa dois milênios e sustenta a primeira mensagem de seu fundador –, Eckhart pregava aos/às religiosos/as e ao povo simples como quem está sempre na iminência da passagem decisiva. Essa passagem não era vista como dramática, a partir da perspectiva da banalidade, mas como gratidão transparente, serenidade solta, liberdade jucunda. A decisibilidade de cada momento não era motivo de tensão ávida, mas de encaminhamento para o bem, o grande Bem. Com isso tudo, é possível deparar-se lendo todos os 105 sermões dos dois volumes. Em cada um, a seu modo, pode-se mergulhar e encontrar uma via de transformação, de edificação ou reedificação da vida inteira, completa e enraizada no Essencial.

Os dois volumes, portanto, são recomendados, tanto para uma leitura informal ou leiga, quanto para o estudo acadêmico ou orientação do Espírito humano. Os textos são oportunidades de direcionamento e transformação. Mas o que será *transformação*? Para que se precisa dela? E de onde vem o parâmetro da transformação? De onde para onde, de quê para quê?

Os textos mostram que Vida é só Transformação de vida em Vida. Como conclusão, retomamos a ideia do fogo, proposta no início deste texto, como um convite para ler diretamente os sermões alemães de Eckhart. Ao entrar em contato com a madeira o fogo a aquece, retirando-lhe tudo que é desigual a ele, o fogo. Quanto mais aparentada com ele ela estiver, tanto mais facilmente é a unificação e a transformação em um único. Quanto mais diferente for a madeira, mais demorado o processo, mais ferrenho o embate. A madeira começa a fumar, estalar, soltar resinas e chiados até que toda desigualdade é eliminada e, aos poucos, serena a diferença e começa a reinar um fulgor vibrante e unificado, até não restar mais nada de madeira nem de fogo. Mas apenas um coeso, distinto, idêntico. Serenidade!